

«VENCESTE, Ó GALILEU!»
Memória do último imperador pagão

WALTER DE MEDEIROS
Universidade de Coimbra

Abstract: The murder of most of his family, the confinement (during childhood and adolescence) to a gilded prison and the spectacle of struggles within Church have turned Julian into a rebellious and irresponsible idealist who has tried, after Constance's death, to restore paganism in the Empire and thus invert the course of history. The resistance he met, the mistakes he made during nineteen months of government, and a hasty campaign against the Persian in which he was killed show the inanity of his project and the victory of Galileo he tenaciously persecuted.

Keywords: Julian (so-called Apostate); Constance; campaigns against Germans and Persians; Christians in Empire; restoration of Paganism; Roman History.

Acontece, nas horas de recolhimento, cada vez mais raras, debruçar-se um homem sobre o rio do seu passado. Afloram memórias de tristeza, memórias de alegria, memórias de memórias que se vão esvaindo. Depois, vem uma espécie de magma obscuro, onde flutuam ilhas, castelos, fantasmas de saudade, que se deslham, como pétalas, no côncavo da taça.

Mas, quando o magma é espesso, formam-se grumos, concreções, as imagens obsidianas que nos perseguem ao longo do dia, ao longo da noite: e poucas são ledas ou gentis; muitas, as brutais e conturbadas. Escolho, pelo seu poder acutilante, um só exemplo: como se daquela imagem quisesse eu próprio libertar-me. Onde a vi, não sei: acaso em uma tela ou projectada, pela leitura, nos limbos da consciência.

É um cenário confuso de batalha, o tumultuar insano de soldados e elefantes que se entrechocam, esgares de dor e urros de selvagem. Mas não fixo, não escuto soldados ou elefantes: porque os olhos, os ouvidos estão grudados ao corpo do homem que devora o plano da vanguarda. Aquele homem tombou do cavalo e traz uma lança mortal a rasgar-lhe o flanco. Aquele homem mergulha a mão, bem fundo, no estertor da ferida. Aquele

homem arroja o sangue, o seu sangue, ao céu convulso, a boca hiante em brado de revolta: «Venceste, ó Galileu!»

Aquele homem, o vencido, é Juliano, o último imperador pagão; o vencedor é Cristo, a Quem ele chamava, desdenhosamente, o Galileu.

Estrelas funestas. Um céu convulso. Se existem genes de desgraça (e alguns o asseguram), a carga que Juliano recebeu foi excessiva: tinha de pesar, pesou na sua vida inteira. Morreu-lhe a mãe, quando era criança de peito; mataram-lhe o pai, co-herdeiro do trono, quando o menino ia cumprir seis anos. E, com o pai, foram assassinados oito parentes, dos mais chegados e fiéis. Salvou-se Juliano, salvou-se o meio-irmão, Galo, porque eram de tenra idade. Mas foram apartados da corte, e postos sob custódia, não fosse o coração, em acordando, reclamar vingança. E mais tarde Galo, tornado César, por mercê de Constâncio, viria a ser executado. Por mercê de Constâncio: sarcasmo, afinal, já que sobre a cabeça do imperador recaíam todos os homicídios.

Órfão absoluto, Juliano não ficara. Tinha uma avó, inócua, na Bitínia; e para a Bitínia o expediram, com Galo, após a chacina da família. A criança não tinha, havia de ter a consciência do horror: e aqueles anos, até à adolescência, foram os mais ditosos da sua vida. Havia a segregação, total, da corte: mas havia a paz daquele confinamento em que a sua vocação de solipsista e visionário se foi robustecendo. O mar, ao largo, muito ao largo, era um coalho cintilante onde passavam os navios e se avistavam as casas de Constantinópolis. Seria bom partir, rumo à Grécia, à Itália, àquela Hispânia onde cresciam os pomos das Hespérides. Não o atraía a cidade do Porfirogénito, a agitação das ruas, o estrépito dos carros, o luxo dos cortesãos, a lascívia das mulheres: o aroma das flores era mais inebriante que o vinho. Assim cresceram nele o ascetismo, a castidade, o amor da vida simples e depurada pela missão. A sua, qual era? Breve pensaria: criar uma sociedade nova, em que os valores antigos fossem reabilitados.

Ora a educação que recebia não alimentava essas aspirações. Porque o seu mestre maior era o bispo ariano de Nicomédia, que procurava instruí-lo no cristianismo — uma religião (Juliano sentia) lacerada por querelas, ambições, orgulho. Por isso, o jovem se inclinava para o mestre menor, um eunuco cita, Mardónio, que lhe lia Homero, Hesíodo, outros autores pagãos. «Que saudades

que sinto — escreverá mais tarde, em uma carta da Gália — do tempo em que vivia o velho caminho da vida!» O velho caminho da vida ... Palavras singulares na boca de um homem ainda moço. Se não soubéssemos que era secretamente pagão.

Mas, aos onze anos, o convívio com Mardônio cessou: por ordem do imperador, Juliano e Galo foram transferidos para mais longe, para a Capadócia, onde a família real tinha, em Macelo, um palácio de verão, rodeado de jardins. Naquela gaiola dourada o retiveram mais seis anos. A pressão era maior, a vigilância mais apertada. E mais intenso o ódio que abrasava o coração de Juliano. Não era a ausência de convívio que lhe pesava: era a ausência de liberdade para realizar os seus sonhos. No palácio, contudo, havia muitos livros. Juliano pôs-se a estudá-los com afinco: de tal sorte que, a breve trecho, confundia os pedagogos com um saber mais elaborado que o deles.

Até que o imperador decide visitar os prisioneiros: decerto para formar um juízo sobre os sentimentos que inspirava. Como o receberam as suas vítimas? Com o resguardo, certamente, de quem pretende evitar suspeitas. E Constâncio entendeu que podia conceder-lhes maior largueza: Galo seguiu para a corte; Juliano, para Nicomedia, a fim de ampliar os seus estudos. Mas devia abster-se das lições de Libânio, um mestre neoplatónico que secundava as aspirações das classes pagãs da Grécia. Juliano contornou a proibição, pagando a quem lhe copiava as lições de Libânio. Depois, rumou a Pérgamo, onde a eloquência de Máximo de Éfeso, mais teurgo que filósofo, lhe aviventou os sonhos e liquidou a sua fé cambaleante. Juliano converteu-se ao paganismo; mas quer em Pérgamo, quer em Atenas, guardou as aparências de cristão. Os factos recomendavam, aliás, a maior prudência: três anos depois de nomeado César, Galo, seu meio-irmão e companheiro de desterro, fora executado; e todas as suspeições recaíam agora sobre Juliano, o último supérstite da família.

Estranhamente, porém, a simpatia da imperatriz Eusébia levou Constâncio a uma decisão inesperada: chama Juliano para a corte, nomeia-o César, como fizera com Galo, e casa-o com sua irmã Helena. Matrimónio de conveniência, matrimónio infeliz: Juliano, para mais, era misógino, nunca pôde amar sua mulher. Helena morreu de parto, e com ela o filho que gerara. Outra vez as estrelas funestas. O céu convulso. Os genes de desgraça.

Mas de novo se rasga uma clareira de esperança. O imperador confia-lhe o comando das operações na Gália, onde tribos germânicas ameaçavam a linha do Reno. Presente quiçá envenenado: Constâncio previa a inexperiência de um literato sem credenciais para a missão. Morto em combate ou destituído por inépcia, Juliano desapareceria, para sempre, do horizonte da política. Mas o novel comandante era animoso, conhecia a fundo os *Comentários da guerra gaulesa* de Júlio César e levava na bagagem, por dádiva da imperatriz, as *Vidas* de Plutarco. E dá provas claras de eficácia: retoma Colónia, ocupada pelos Francos, repele os Burgúndios e, em Argentorato (a moderna Estrasburgo), inflige aos Alamanos uma derrota esmagadora. Os louros foram para Constâncio, que operava discretamente na Helvécia. Mas Juliano dedica-lhe um panegírico fervoroso, tão ditirâmico que se diria bajulador ou servil. E, depois de alcançar novos êxitos sobre os Germanos, redige segundo panegírico, mais dissimulado, mas em boa regra com os preceitos do género. Constâncio desinteressa-se da frente gaulesa e parte para uma campanha longínqua, de alto risco, contra os Persas. Se a fama crescente de Juliano o incomodava, iria ofuscá-la com uma grande vitória no Oriente.

Os acontecimentos precipitam-se. Juliano ocupava os seus quartéis de inverno em Lutécia (a moderna Paris), quando recebe ordem de Constâncio para lhe enviar metade, talvez dois terços das suas tropas. Medida preventiva ou provocação? Grande parte dos soldados exigidos eram gauleses; e Juliano tinha-lhes prometido que não combateriam longe da pátria. Amotinado pelos próprios oficiais, o exército rodeia a casa de Juliano e aclama-o co-imperador. Aos Atenenses, Juliano jurará — por Zeus, por Hélio, por Ares, por Atena, pelos deuses maiores do paganismo — que resistiu e tentou reconduzir os soldados à obediência. Uma prece a Zeus tê-lo-ia convencido a aceitar a aclamação. Nem tudo parece sincero nesta justificação. Juliano estaria predisposto para a revolta contra o homicida de seu pai; e a ocasião era assaz propícia.

Constâncio estava na Capadócia, naquele palácio de Macelo que tinha servido de gaiola dourada a Juliano e a Galo. Tentou reagir com demissões de longe; mas, quando soube que Juliano avançava, pelas estradas do Danúbio, a caminho dos Balcãs, abandonou a campanha contra os Persas e preparou-se para enfrentar o rebelde. Mas, no caminho do regresso, uma febre maligna matou-o aos quarenta e quatro anos. Juliano era o único senhor do Império.

De um Império que ele queria pagão. Por isso celebrou a notícia com hecatombes de agradecimento aos deuses. Mas a consciência turbada levou-o a fazer um funeral de aparato a Constâncio, que transportou, com as próprias mãos, até à morada derradeira. Que homem era este? Reservado e austero, irascível e ingénuo, melindroso e obstinado nas suas convicções, pecou muitas vezes por incoerência e irrealismo, até por ingratidão. Pecha do solitário que ele fora, sujeito aos vaivéns de uma consciência vulnerável aos caprichos da vontade. A irredutibilidade dos últimos meses ia conduzi-lo ao cair do abismo. Viesse o empurrão: e nem esse faltou.

Juliano tinha iniciado de imediato o seu programa de restauração do paganismo: ordenou a reabertura dos templos e a renovação do culto através de sacrifícios; proibiu os mestres cristãos de ensinarem nas escolas; esquivou-se a punir os homicídios de cristãos; arruinou a cidade de Cesareia, por ter mais cristãos que pagãos; confiscou os bens dos cristãos de Edessa e da igreja de Antioquia; procurou restabelecer os oráculos silenciados; escreveu um hino fervoroso ao Sol, outro à Mãe dos Deuses e um tratado (perdido) contra os Galileus. Era um idealista desvairado e inconsequente que pretendia opor-se à marcha da história.

Por toda a parte encontrou resistências, que culminaram em Antioquia, a grande metrópole do Próximo Oriente, à beira da Mesopotâmia. Era uma cidade onde cristãos, judeus e pagãos conviviam sem atritos; e se multiplicavam as festas e os espectáculos, odiosos ao espírito ascético de Juliano. O imperador chegou (mau agoiro) em dia de luto pela morte de Adónis; e logo foi alvo de protestos da multidão pela careza da vida e de mantimentos. Tentou acudir aos necessitados, até à custa das suas propriedades, mas não soube prevenir a acção nefasta dos especuladores. A visita aos santuários pagãos aumentou a sua frustração: no altar de Apolo e Dafne, quando esperava sacrifícios, coros, libações — nada estava preparado: apenas um sacerdote trouxera um ganso como vítima. Enquanto o povo se divertia nas Saturnais, Juliano encontrou tempo para escrever um diálogo satírico, conhecido por *Os Césares*, em que só Marco Aurélio se salva da condenação. À pergunta «Qual a melhor forma de imitar os deuses?», Marco Aurélio responde: «Ter o menor número de necessidades e fazer o bem ao maior número de pessoas.» «E tu, não tens necessidades?» «Não tenho nenhuma, mas o meu corpo infeliz tem algumas.» Na voz de Marco Aurélio é a voz de Juliano que ressoa. A voz

de Juliano que denuncia a intemperança de Constantino, associado a Cristo, que está sempre pronto a absolver os criminosos, desde que recebam o batismo e manifestem contrição.

Mas os Antioquenos estavam fartos da austeridade de Juliano e diziam que se vivia melhor no tempo de X e de K, isto é, de Cristo e de Constâncio. Juliano replicou com outro escrito, o *Misopógon*, isto é, *O odiador da barba*: o mesmo é que dizer *O odiador de Juliano*, já que o imperador usava uma barba petulante de que troçavam os próprios soldados. O livro pretende ser jocoso, mas descamba em ataque à ingratidão dos Antioquenos: «Em nome dos deuses, porque são ingratos comigo? Porque os alimentei com os meus próprios bens?»

Quando falhou a sua tentativa de reconstruir o templo de Jerusalém; quando o templo de Apolo, em Antioquia, foi incendiado — Juliano compreendeu que só uma vitória retumbante sobre os Persas lhe daria o prestígio suficiente para impor a religião pagã a todo o Império.

Com um exército de oitenta mil homens, o imperador avançou através da Mesopotâmia. Juliano tinha feito campanhas vitoriosas, mas não era dotado do carisma do general que empolga os seus homens e os arremessa como flecha sobre o alvo. Para mais, uma parte das tropas era constituída por soldados de Constâncio, que professavam a religião cristã. E, logo à partida, Juliano teve de fazer mártires: dois porta-estandartes recusaram-se a retirar o lábaro das suas bandeiras e foram decapitados.

Estrelas funestas. O céu convulso. Os genes da maldição. Acumulavam-se os maus presságios: um terramoto em Constantinópolis; a oposição dos Livros Sibílicos; mortes súbitas de oficiais. Ao entrar em território inimigo, Juliano recebe um último apelo, do prefeito da Gália: não avance mais; se avançar, os deuses o matarão. Como àquele leão que encontram prostrado em Dura-Europo. Mas Juliano não cede: nem o orgulho ferido permitia agora ceder. Manda uma parte do exército, em operação diversiva, para norte; e prossegue, com o grosso das tropas, para sul. A divisão, imprudente, foi agravada, depois, pela traição de um persa, que convenceu Juliano a incendiar a frota que o apoiava. A tática da terra queimada enfraquece-lhe o exército, que está desalentado e faminto quando os Persas atacam.

Stando moriar: «Quero morrer de pé.» Sem vestir a couraça, que lhe cobriria o peito e os flancos, arremessa-se, no seu cavalo, para o coração da

batalha. De uma nuvem de poeira sai a lança de um sarraceno que lhe trespassa o baixo-ventre. Juliano ia morrer com trinta e dois anos, e dezanove meses de governo.

Ainda sobreviveu umas horas. O último historiador pagão, Amiano Marcelino, preenche essas horas com um elogio que faz o imperador à sua própria vida, e as socráticas conversações que mantém com os filósofos sobre a superioridade da alma sobre o corpo. Não creio que o tumulto da batalha e a gravidade da ferida alimentassem tão serenas considerações. Creio, sim, que, na hora derradeira, lhe lembrou o Galileu e a Sua infinita misericórdia com os próprios perseguidores. Juliano era baptizado e acreditava na perenidade do espírito: daria — afirmou — o Império Romano e o Império dos Bárbaros pelo conhecimento de Deus.

Por isso altero aquela imagem obsidiante: Juliano mergulha a mão na ferida e lança o seu sangue ao céu. Mas não é um grito de revolta: é um pacto de salvação: «Aceita, Senhor, o meu sangue: e dá-me o Teu, para que eu alcance a redenção.»

NOTA BIBLIOGRÁFICA

Foi decisiva, para a elaboração deste artigo, a leitura de G. W. BOWERSOCK, *Julian, the Apostate*, Cambridge (Mass.), Harvard University Press, 1978 (1997), onde o leitor encontrará a indicação das fontes e bibliografia actualizada sobre o tema. O autor é severo com Juliano: talvez o livro ganhasse com um aproveitamento maior da correspondência do biografado. Reconhecemos que o juízo de Bowersock, preocupado com a estrita objectividade, influenciou muitas vezes o nosso: mas estamos abertos à compreensão de um homem realmente sofredor.

* * * * *

Resumo: O assassinio de grande parte da família, o confinamento (durante a infância e a adolescência) em uma prisão dourada e o espectáculo das querelas no seio da Igreja tornaram Juliano um idealista revoltado e inconsequente que tentou, após a morte de Constâncio, restaurar o paganismo no Império e opor-se, desta sorte, à marcha da história. As resistências que encontrou, os erros que cometeu em dezanove meses de governo e uma campanha precipitada contra os Persas, em que perdeu a vida, mostram a inanidade do projecto e a vitória do Galileu que tenazmente perseguia.

Palavras-chave: Juliano (dito o Apóstata); Constâncio; campanhas contra Germanos e Persas; cristãos no Império; restauração do paganismo; História Romana.

Resumen: El asesinato de gran parte de la familia, la reclusión (durante la infancia y la adolescencia) en una prisión dorada y el espectáculo de las querellas en el seno de la Iglesia convirtieron a Juliano en un idealista rebelde e inconsecuente que intentó, después de la muerte de Constancio, restaurar el paganismo en el Imperio y oponerse así a la marcha de la historia. Las resistencias que encontró, los errores que cometió en diecinueve meses de gobierno y una campaña precipitada contra los persas, en la que perdió la vida, muestran la inanidad del proyecto y la victoria del Galileo que tenazmente perseguía.

Palabras clave: Juliano (llamado el Apóstata); Constancio; campañas contra germanos y persas; cristianos en el Imperio; restauración del paganismo; Historia Romana.

Résumé: L'assassinat d'une grande partie de la famille, l'incarcération (pendant l'enfance et l'adolescence) dans une prison dorée et le spectacle des querelles au sein de l'Église, firent de Julien un idéaliste révolté et inconséquent qui essaya, à la mort de Constantin, de restaurer le paganisme dans l'Empire et de s'opposer, ainsi, à la marche de l'histoire. La résistance qu'il rencontra, les erreurs qu'il commit en dix-neuf mois de gouvernement et une campagne quelque peu précipitée contre les Perses, où il laissa, d'ailleurs, sa vie, illustrent l'inanité du projet et de la victoire du Galiléen qu'il poursuivait avec ténacité.

Mots-clé: Julien (dit l'Apostat), Constantin, campagnes contre Germains et Perses, chrétiens dans l'Empire, restauration du paganisme, histoire romaine.